

## A SEMANA – 208\*

24 de maio de 1896

A gente que andou esta semana pela rua do Ouvidor, mal terá advertido que, enquanto mirava as moças, se eram homens, ou as vitrinas, se eram moças, matava-se a ferro e fogo em Manhuaçu. Eis o telegrama de Juiz de Fora, 18: “Desde o dia 11, às 10 horas da manhã, está travado em Manhuaçu terrível combate, dia e noite, à carabina e dinamite, entre os partidários de Costa Matos e Serafim. O conflito nasceu de ter sido Costa Matos nomeado delegado de polícia, e, investido do cargo, haver mandado desarmar um empregado de Serafim. Tem havido mortes e ferimentos.”<sup>1</sup>

Há, pois, além de outros partidos deste mundo, um partido Serafim e um partido Costa Matos. Quem seja este César, nem este Pompeu,<sup>2</sup> não é coisa que me tenha chegado aos ouvidos; mas devem ser homens de valor, desabusados, capazes de lutar em campo aberto e matar sem dó nem piedade. A causa do conflito parece pequena, vista aqui da rua do Ouvidor, entre três e cinco horas da tarde; mas ponha-se o leitor em Manhuaçu, penetre na alma de Serafim, encha-se da alma de Matos, e acabará reconhecendo que as causas valem muito ou pouco, segundo a zona e as pessoas. O que não daria aqui mais de uma troca de mofinas, dá carabina e dinamite em outras paragens.

Mas não é só em Manhuaçu que se morre a ferro e fogo. A cidade de Lençóis passou por igual ou maior desolação. Soube-se aqui, desde o dia 18, que um bando de clavinoteiros marchava ao assalto da cidade, não só para tomá-la, como para matar o coronel Felisberto Augusto de Sá, senador estadual, e o Dr. Francisco Caribé. O governo da Bahia mandou duzentas praças em socorro da cidade. Tarde haverá chegado o socorro, se chegou; o assalto deu-se a 17, entrando pela cidade os clavinoteiros

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 145, p. 1, 24 maio 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 181-186). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 140, p. 1, col. 2, 19 maio 1896).

<sup>2</sup> Júlio César (100-44 a.C.) e Pompeu Magno (106-48 a.C.) lutaram entre si na Segunda Guerra Civil da República de Roma (49-45 a.C.).

capitaneados por José Montalvão. Escaparam Felisberto e Caribé, no meio de grande carnificina, que parece ter continuado.<sup>3</sup>

Não se pense que, por ir escrevendo sem ponto de exclamação, deixo de sentir a dor dos mortos. É duro ler isto; mas é preciso pairar acima dos cadáveres. Tem-se discutido aqui sobre a lei da recapitulação abreviada.<sup>4</sup> Se tal lei existe, Manhauçu e Lençóis estão na fase do romantismo sangrento, quando a nossa capital já passou o naturalismo cru e entra no puro misticismo.<sup>5</sup>

Tempo virá em que Manhauçu e Lençóis vejam as suas notas de 100\$ e 200\$ andarem de Herodes para Pilatos, sem saber por que é que Herodes as condena, nem por que é que Pilatos lava as mãos. Ouvirão dizer que por serem falsas,<sup>6</sup> – ou (resto de naturalismo) *falças* e até *farsas*. Terão os seus inquéritos, os seus bilhetes de camarote de teatro, e a perpétua escuridão do negócio, que é o pior. *Un pò più di luce*, como queria há anos um político italiano, não é mau.<sup>7</sup> As comédias mais embrulhadas acabam entendidas; podem ser feitas sem talento, nem critério, mas os autores sabem que o público deseja ir para casa com as ideias claras, a fim de dormir tranquilo, e fazem casar os bêbados. As notas falsas de Lençóis e Manhauçu não sairão do puro mistério. É a condição do gênero. Creio que disse mistério, em vez de ocultismo, que define melhor este gênero de recreação.

Verdade é que o tempo é sempre tempo, e não sei por que não sucederá na América o que acontece na Europa. A morte da Malibran (releiam Musset) em quinze dias era notícia velha. *Sans doute il est trop tard...* Releiam os belos versos do poeta.<sup>8</sup> Dentro de quinze dias, ninguém mais se lembra do camarote de teatro de Lençóis, nem do inquérito, nem do número 65.609, nem de nada de Manhauçu.<sup>9</sup> A vida é tão aborrecida,

<sup>3</sup> Telegrama enviado da Bahia em 22 de maio, publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 144, p. 1, col. 2, 23 maio 1896), traz informações sobre o ataque de clavinoteiros em Lençóis-BA.

<sup>4</sup> A lei da recapitulação abreviada foi formulada por Ernest Haeckel (1834-1919), médico, naturalista e filósofo alemão. Em linhas gerais, afirma que no processo de desenvolvimento de um embrião, ele recapitula transformações sofridas pelos ancestrais da espécie a que esse organismo pertence. A lei, aplicada às ciências sociais, por analogia, pressupõe que a história de um homem é a recapitulação abreviada da história da espécie humana. E – segundo esta crônica – a história de coisas miúdas do Brasil seria a recapitulação abreviada de episódios da história universal.

<sup>5</sup> misticismo: alusão ao simbolismo?

<sup>6</sup> Pôncio Pilatos – governador romano da Judeia – enviou Jesus Cristo a Herodes, tetrarca da Galileia. Herodes fez algumas perguntas a Jesus Cristo e mandou-o de volta a Pilatos. O governador, então, permitiu que a vontade dos fariseus se cumprisse e o condenou à morte na cruz. (Lucas 23,1-25; BÍBLIA, 2003, p. 1830-1831) Sobre notas falsas, ver nota n. 9.

<sup>7</sup> O cronista deve estar se referindo ao livro de Alfonso la Marmora (1804-1878), militar e político italiano – *Un pò più di luce sugli eventi politici e militari del 1866*. No ano de 1866, a Itália declarou guerra ao império Austríaco, vindo a anexar Vêneto e Mântua a seu território.

<sup>8</sup> “Sem dúvida é muito tarde...” [Trad. nossa], primeiro verso do poema *À la Malibran* (1837), de Alfred de Musset (1810-1857), em homenagem a Maria Malibran (24 mar. 1808 – 23 set. 1836), cantora lírica francesa. (MUSSET, 1866, t. II, p. 145)

<sup>9</sup> Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 141, p. 2, col. 1, 20 maio 1896), sob o título “Alçapão misterioso”, noticiou-se a circulação de notas falsas de 100\$ no Rio de Janeiro. Um oficial de polícia comprou, no dia 13 de maio, um camarote (n. 18) do teatro Lucinda com uma nota falsa de 100\$. Cerca de um ano antes,

que não vale a pena atar as asas às melancolias de arribação. Voai, melancolias! voai, notas! ide para onde vos chamam os gozos fáceis e pagos...

Ia-me perdendo em suspiros. Ponhamos pé em terra, e deixemos Costa Matos contra Serafim, e Montalvão contra Felisberto. Viver é lutar, e morrer é acabar lutando, que é outro modo de viver. Não sei se me entendem. Eu não me entendo. Digo estas coisas assim, à laia de trocado engenhoso, para tapar o buraco de uma ideia. É o nosso ofício de pedreiros literários. A vantagem é que, enquanto trabalhamos de trolha, a ideia aparece, ou a memória evoca um simples fato, e a pena refaz o aço, e o escrito continua direito.

Para não ir mais longe, vamos ao largo da Carioca. Li que um agente de polícia, entrando em um bonde no largo da Lapa, descobriu certo número de gatunos entre os passageiros. Alguns preparavam-se contra um velho, e o agente preparou-se contra eles. No largo da Carioca o velho pôde escapar à tentativa, mas o agente, ajudado<sup>10</sup> de uma praça, capturou alguns; a maior parte fugiu. Até aqui tudo é vulgar como um maçador de bonde. O resto não é raro nem original, mas é grandioso.<sup>11</sup>

Cerca de quinhentas pessoas aglomeraram-se no Largo, em volta dos presos e dos agentes da força. O primeiro grito, o grito largo e enorme foi: *Não pode! Não pode!* Quando este grito sai dos peitos da multidão, é como a voz da liberdade de todos os séculos oprimidos. A primeira ideia de quinhentas pessoas juntas, ou menos, (cinquenta bastam),<sup>12</sup> é que toda prisão é iníqua, todo agente da autoridade um verdugo. Imagine-se o que aconteceria no Largo<sup>13</sup> da Carioca, se o agente não tivesse ocasião de contar o que se passara e a qualidade das pessoas presas. A explicação abrandou os espíritos, e salvo alguns que, passando ao extremo oposto, gritaram: *Mata! Mata!* todos se conformaram com a simples prisão. Os gatunos é que se não conformaram com a delegacia para onde os queriam levar. Iam ser conduzidos à 5ª delegacia e pediram a 6ª, por ser aquela onde haviam sido presos.<sup>14</sup> Esta preocupação de observância regulamentar, em simples gatunos, faz descrever do vício.

---

em julho de 1895, havia sido apreendida uma nota de 100\$ falsa, cujo número era 65609, série 4, estampa 6. A nota com que o oficial pagara pelo camarote trazia os mesmos números, mas não era a mesma cédula (porque a apreendida no anterior continuava entre os documentos do inquérito). Havia no noticiário especulações sobre o fato de a origem das notas falsas em circulação terem origem no departamento de polícia, dentre as apreendidas – daí a expressão jocosa “alçapão misterioso” aplicada ao departamento. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 138, p. 1, 17 maio 1896) A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 83, p. 1, col. 6) de 23 de março de 1896 havia, também, noticiado a prisão, em São Paulo, de um indivíduo com 14:900\$ em cédulas de 100\$000 falsas.

<sup>10</sup> ajudado] auxiliado – em SEM1953.

<sup>11</sup> A *Notícia* (ano III, n. 120, p. 1, col. 6, 20-21 maio 1896.) relata o caso do agente de polícia que interpelou e prendeu gatunos no largo da Carioca.

<sup>12</sup> bastam),] bastam) – em SEM1953.

<sup>13</sup> Largo] largo – em SEM1953.

<sup>14</sup> presos.] presos. – em GN.

Em todo caso, vemos que o vicioso, desde que não pode escapar à justiça, tem a virtude de reclamar pela lei. O virtuoso, antes de saber do vício, clama já contra a repressão. Não se defenda esse caso com o da mulher que, por suspeita de alienada, morreu de hemorragia no xadrez; porquanto, o da mulher é posterior, e não se sabe ainda se houve nele abuso, ou simples uso antigo. Costume faz lei, e quem padece de hemorragias, não deve ter tempo de endoidecer.<sup>15</sup>

Esquecia-me dizer que o bonde era elétrico. Se os gatunos eram gordos, não sei. Magros que fossem, era difícil que viessem comodamente, sendo de cinco pessoas por banco a lotação dos bondes elétricos; mas não pode haver melhor lotação para sacar uma carteira. Pela minha parte, tendo sonhado que a lotação era legal, aceitei-a, com a intenção de requerer ao conselho municipal que alterasse o contrato, embora indenizando a companhia. Mas afirmaram-me que, não só é ilegal, como até já foi a companhia interrogada sobre as cinco pessoas por banco, aproveitando-se a ocasião para indagar dos motivos por que continuam os comboios. Ou não houve resposta, ou foi satisfatória. Prefiro a primeira hipótese. Há ainda um lugar para a esperança.



### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### **Referências**

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 145, p. 1, 24 maio 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14225](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14225)>.

---

<sup>15</sup> A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 143, p. 2, col. 4, 22 maio 1896) publicou matéria intitulada “Desumanidade!”, onde se lê: “Anteontem à noite o delegado da 2ª circunscrição urbana mandou conduzir em carro apropriado, para a repartição da polícia, uma infeliz mulher de cor parda, de nome Maria [...]. / Não sendo possível fazer-se a remoção da doente para o Hospício Nacional de Alienados, por isso que esse estabelecimento não recebe à noite doente algum, foi a infeliz Maria recolhida ao xadrez da polícia, sem receber socorros médicos, a despeito de apresentar-se com grande metrorragia e em estado febril. [...] faleceu no saguão do edifício [...] / Presume-se que Maria não era alienada, e que o seu estado de exaltação mental era devido ao seu estado febril, conseqüente a um aborto que se lhe manifestara.”

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio; Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

MARMORA, Alfonso Ia. *Un pó più di luce sugli eventi politici e militari del 1866*. Firenze: G. Barbera, 1873.

MUSSET, Alfred de. *Oeuvres complètes*. Poésies. Paris: Charpentier, 1866, t. II.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.